



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8128 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA, IDENTIDADE E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Mary Francisca do Careno - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - UNESP

De acordo com o portal do Ministério de Educação, vinte e três das vinte e sete Unidades da Federação Brasileira possuem escolas em remanescentes de quilombos, totalizando uma rede com 151.782 matrículas, 6.493 docentes e 1.253 escolas. No Estado de São Paulo, a rede se compõe de 1.400 matrículas, 120 docentes e 26 escolas de quilombos. (BRASIL, 2007). Esse sistema educacional paulista, nos bairros remanescentes de quilombos, localizados no Vale do Ribeira, região sudeste do estado, tem apresentado problemas similares aos encontrados em áreas urbanas (sistema multifacetado e com problemas em sua estrutura, na prática educativa e na formação de seus docentes), acrescidos ainda da pouca aderência do conteúdo escolar com a história e a cultura de área de preservação de Mata Atlântica e extensa bacia hidrográfica; além disso, dificuldades para lidar com as tensas relações políticas e sociais externas produzidas pelo racismo e discriminação. A pesquisa tem como objetivos trabalhar com docentes de Educação Infantil desses bairros, verificando a formação que tiveram para lecionarem em territórios histórico-culturais tão específicos, e buscando saber como cumprem a legislação que trata da educação em quilombos. Fundamenta-se em três conceitos organizadores: o quilombo como símbolo de resistência negra, a teoria de representações sociais e a identidade profissional, temáticas que a educação brasileira, hoje, está cada vez mais desafiada a enfrentar e a tratar, mormente em regiões de concentração quilombola. Baseia-se nos princípios da pesquisa qualitativa (BOGDAN; BIKLEN 1994) e tem como contextos de análise as respostas dessas professoras da região de Eldorado/SP e Iporanga/SP, obtidas por meio de aplicação de questionário com questões abertas e fechadas, além de entrevistas de aprofundamento. A investigação considera questões sócio-históricas da região e apresenta o quilombo como local de rebeldia e afirmação da luta do negro contra o sistema de dominação militar, político e ideológico que o desumanizava como ser (MOURA, 1987) e, atualmente, como território conquistado e vivido (SANTOS, 2001), mas ainda não livre de preconceitos e discriminação, temáticas que a escola, necessariamente, precisa discutir, atenta à construção de estratégias educacionais que fomentem o respeito à diversidade étnico-racial. O trabalho fundamenta-se em dados oficiais constantes nas Diretrizes Curriculares para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica; no Parecer CNE/CEB nº 16/ 2012 (BRASIL, 2012) e nos documentos finais, resultantes de discussões dos encontros nacionais da ANFOPE que trata da formação dos profissionais da educação e a Base Comum Nacional (ANFOPE, 2018). Para o presente trabalho foram entrevistadas dez professoras, visitadas cinco escolas de quilombo e o estudo, seguindo o roteiro estabelecido, considera aspectos que interferem na identidade profissional das docentes, tais como características relacionadas a sexo, auto declaração sobre cor/etnia, estado civil e religião, dados sobre estudo assim como atuação profissional. Fatos socioculturais e históricos sobre a região sudeste do estado de São Paulo importam para os docentes compreenderem o modo de ser e de organização dos bairros

onde lecionam. O conceito de representação social - conjunto de saberes, valores da memória social, conhecimentos socialmente elaborados e partilhados por um grupo social (MOSCOVICI, 2007; JODELET, 2001) foi importante para se compreender a *atitude* das profissionais entrevistadas, ao demonstrarem dificuldade em dar uma resposta ao conceito de quilombo, embora todas elas sejam nascidas em municípios da região. Dubar (1997) considera a identidade como um fenômeno complexo, que se traduz por um jogo do reconhecimento, cuja construção é inerente ao processo de socialização, constituindo-se como um elemento essencial tanto nas representações como nas práticas dos sujeitos, que são inseparáveis e problemáticas. Existe a identidade *para si*: subjetiva (de auto-reconhecimento), quando focaliza o docente em sua relação consigo mesmo; e a identidade *para o outro*: objetiva (de alter-reconhecimento), quando focaliza o docente em sua relação com o outro. Ao serem indagadas sobre o que, para elas, é um quilombo, suas respostas demonstraram um certo desconhecimento. Das dez entrevistadas, apenas três deram uma resposta coerente. Criaram as suas representações para procurarem responder à questão formulada de acordo com a identificação com o outro. Como nascidas da região, todas são descendentes de quilombolas e sabem mais do que a entrevistadora o que seja um quilombo. Elas optaram por responder, repetindo o que aprenderam de seus antigos mestres. A aplicação da Lei 10.639/03 serviria para essa reflexão entre o que aprenderam em casa com os pais e avós e o que a escola sempre ditou e dita. Questionadas a respeito dessa lei, em vigor desde 2003, elas responderam que durante a formação não a estudaram e nem a discutiram- uma falha na formação. Algumas que nunca ouviram falar, mas – contradizendo-se, em outra pergunta, responderam que acham importante estudar a diversidade étnico-racial. Há que se levar em conta a história do Brasil que as professoras e os pais conhecem e considerar que ela está incorporada na memória, por meio do livro didático e, por extensão, pelo discurso que a instituição escolar traz desde o início da civilização brasileira. Os discursos político e o educacional sempre carregaram de sentido negativo a figura do negro, ou seja, *objetivam-na*. E as professoras repetem-nos. Não levam em conta que “*Nossas certezas cotidianas e o senso comum de nossa sociedade ou de nosso grupo social cristalizam-se em preconceitos com os quais passamos a interpretar toda a realidade que nos cerca e todos os acontecimentos.*” (CHAUI, 2001, p. 249)

PALAVRAS – CHAVE: Formação de Professores – Representações Sociais – Quilombo – Diversidade étnico-racial

Referências

ANFOPE. *Documento Final do XIX Encontro Nacional*. “Políticas de Formação e Valorização dos Profissionais da Educação: (Contra) Reformas e Resistências”. Niterói/RJ, ANFOPE, 2018. Disponível em: <<http://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2018/11/XIX-Encontro-2018.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2020.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação*: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. *Educação Quilombola*: Escolas. 2007. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/educacao-quilombola-/321-programas-e-acoes-1921564125/educacao-quilombola1712549791/12398-educacao-quilombola-escolas>>. Acesso em 10 jan.2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). Parecer CNE/CEB nº 16/2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola Aprovado em: 05/06/ 2012. Parecer Homologado. Despacho do Ministro, publicado no *Diário Oficial da União* de 20/11/2012, Seção 1, p. 8. Brasília/DF, 2012a

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

DUBAR, C. Para uma teoria sociológica da identidade. In: DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto, 1997, p. 103-120.

JODELET, D. (Org.). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOURA, C. *Quilombos- resistência ao escravismo*. São Paulo: Ática, 1987.

MUNANGA, K; GOMES, N. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *Brasil: território e sociedade*. 2ª ed., RJ/SP: Record, 2001.